

A Escrita da Geração Digital

Aparecida Barbosa¹; Antonio Carlos Segundo²; Julia Campos³;

Falub/PE¹; Esuda/Recife²; Ifes/RN³

cidaufpe@yahoo.com.br¹; antonioarquiteto@yahoo.com.br²; juliacamposoliveira7@gmail.com³

Resumo: Conflitos entre pais e filhos, assim como entre professores e estudantes, gerados pela distância cronológica, sempre existiram. Cada geração, mesmo pertencendo ao mesmo ambiente sociocultural, desenvolveu-se em momentos históricos, sociais, tecnológicos, econômicos e culturais diferentes. As crianças percebem como algo natural as situações que são novas para seus pais, muitas vezes até apresentando-se como desafios penosos, principalmente no tocante às tecnologias digitais. Disso decorre que os mais jovens conseguem realizar sem problema algumas ações que parecem complicadíssimas para os mais velhos. O problema é que, neste momento, a distância entre as gerações parece ainda maior, seja porque a aceleração tecnológica transforma nossos contextos a uma velocidade vertiginosa, seja por outros fatores. Este artigo é um recorte da minha tese de doutorado, cujo corpo se forma através de um estudo sobre as propriedades estruturais dos textos acadêmicos hipertextuais, conflito com a cultura pós-industrial, fortemente marcada pelas mídias hipertextuais, as quais promoveram significativas mudanças nos modos de produção do conhecimento e nos modos de sua apropriação.

Palavras-chave: Conflitos de gerações; Tecnologias Digitais; Cultura Universitária; Textos Acadêmicos Hipertextuais.

Introdução

O ambiente de socialização da maioria das pessoas com mais de 40 anos, além da família, da escola e de seu entorno próximo, era constituído pelo rádio, pelos textos impressos, pelo cinema, pela televisão, pelo vídeo, pelos livros, pelas revistas etc., e estava impregnado pela ideia de que os mais velhos é que sabiam (possuíam o conhecimento) e deveriam ensinar às crianças. Hoje, meninos e meninas já nascem rodeados de mídias digitais.

O jovem contemporâneo vive mergulhado em ambientes literalmente bombardeados por estímulos auditivos visuais e sensoriais em que experimentam vivências, manifestam comportamentos, produzem discursos e realizam aprendizagens que ou não são adequadamente incorporadas pela escola ou são abertamente rejeitadas por ela. São os adultos nascidos após a década de geração em que a comunicação, inclusive a pessoal, e a gestão do conhecimento, no sentido mais amplo, passaram a ser mediadas pela tecnologia digital. Por isso, seus integrantes eram/são considerados habilidosos com os computadores, criativos com a tecnologia digital e, sobretudo, capazes de realizar várias tarefas ao mesmo tempo: assistem

televisão enquanto trocam mensagens no *WhatsApp*, ouvem música e fazem a tarefa de casa.

A partir de então, cada novo desenvolvimento tecnológico deu nome às gerações: a da rede, a da mensagem instantânea, a viciada em games, e a de agora, com habilidade em controlar diversas fontes de informações, temos, pois, a geração do *zap zap*, em alusão ao programa de mensagens escritas, áudio e vídeos *WhatsApp*.

De modo mais ou menos explícito, os jovens dessas gerações eram caracterizados como mais inteligentes, mais espertos e, inclusive, mais preparados. Eram mais ágeis, mais rápidos e mais sociais. Entretanto, sabe-se que “mais” nem sempre é “melhor”, e que a abundância pode gerar tantos problemas quanto à escassez. Ter na palma da mão todo tipo de informações e de recursos necessários para produzi-las não implica seguramente em ter a capacidade de mobilizá-las, atribuir-lhes sentido e construir conhecimento, sem uma intervenção de um professor.

Metodologia

A trilha metodológica deste estudo é uma pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos (2010), numa busca e consulta a toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Este estudo, portanto, promove o diálogo de teóricos

Este artigo é um recorte da minha tese de doutorado, cujo corpo se formou através de um estudo sobre as propriedades estruturais dos textos acadêmicos. Por meio de categorias que se estabelecem a partir das características dos modos de pensamento, analisei textos produzidos por alunos da educação superior, com base nos quais caracteriza-se o conflito entre cultura acadêmica hipertextual na escrita universitária. Entretanto, trata-se de uma decisão atitudinal do professor acadêmico caso considere normas acadêmicas, cabe a ele empregar alguma medida que leve à reescrita.

Resultados e Discussão

Em se tratando do volume de informações, o fato mais relevante é que os professores universitários não estão sabendo como mediar a transposição de informação advindas dessas tecnologias digitais e, literalmente nas mãos dos jovens e adultos, entretanto, informações que precisam ser transformadas em conhecimento, e é justamente esta lacuna que o professor universitário não está conseguindo preencher.

Este ciclo chega a educação básica, como não são habilitados na universidade a mediar esse processo quicá transformar informações em conhecimento, pois há décadas a única preocupação do professor consiste em transmitir informações aos estudantes, desde sempre apenas a transposição de informações não basta para a construção do conhecimento, então, esse ciclo permanece.

É como analisa Sancho (2009), os diversos ambientes escolares da escola, do ensino fundamental à universidade, permanecem ancorados em concepções que podem ser assim sintetizadas:

(i) o conhecimento é uma coleção de fatos sobre o mundo e de procedimentos para resolver problemas; (ii) O intuito da universidade é acumular conteúdos na mente dos estudantes, que consistem em fórmulas de como os problemas foram solucionados;

(iii) Semelhante aos sacerdotes do século XVII, os professores universitários, professam em suas aulas, a verdade sobre esses problemas e os métodos que levaram a uma solução. Sua função, portanto, é estar no centro da docência e transmitir fatos e métodos aos alunos; (iv) A instituição acadêmica ordena, dentro dos saberes curriculares fatos e métodos, iniciando do fácil ao mais difícil, vistos pela ótica dos professores.

Na cultura universitária, preponderam as tecnologias estáticas, que consistem em suportes como papéis, cadernos, livros, revistas, impressos. Contudo, para beneficiar-se das possibilidades do uso acadêmico das modernas ferramentas digitais, os estudantes precisam da intervenção das instituições formadoras, contudo, como instituições não agem, quem agem são as pessoas que nela/dela participam com suas ações/atitudes ou com a falta delas, comumente, se omitindo, este último (a omissão) sendo o mais comum/o mais presente na/da escola e na/da universidade.

Logo, para que tais instituições aceitem as produções escritas dos seus atores a partir das tecnologias inerentes à época atual, se faz necessário que os professores, também atores do processo de ensino-aprendizagem aceitem que as tecnologias que temos hoje não consistem apenas em parafernálias tecnológicas, mas, sim, estas consistem em uma forma de se alcançar determinado objetivo.

Ou seja, o e-mail substituiu a carta? Alguns mais velhos dirão que “sim”, entretanto, o e-mail consiste no meio através do qual a comunicação chegará ao seu destinatário, antes era através dos correios que por sua vez utilizavam os transportes aéreos ou rodoviários para que as comunicações, fossem elas memorandos, ofícios, cartas registradas e outros chegassem ao seu destinatário.

Assim, seria por meio de uma empresa cujo objetivo principal era o referido transporte de um lugar para outro.

Há uma década que a forma pela qual instituições e pessoas se comunicam de forma mais eficaz é a instantânea, ou seja, o correio eletrônico, que corresponde na língua inglesa: e-mail, passando a ser este e-mail utilizado como abreviação de instrumento de comunicação e meio pela qual este instrumento chega até seu destinatário final. A escrita alfabética revela em boa medida o conflito entre a cultura hipertextual e a cultura subjacente às mídias estáticas.

Esse conflito reflete-se em textos cuja estrutura informacional não aparenta a adequação daquilo que por exemplo na universidade se compreende como um texto bem estruturado, em face disto costuma haver por parte do professor um profundo estranhamento ao tipo de ação pedagógica a se adotar para levar o aluno a produzir textos academicamente adequados. Entretanto, trata-se de uma decisão atitudinal do professor acadêmico caso considere normas acadêmicas, cabe a ele empregar alguma medida que leve à reescrita.

Manter a aversão aos múltiplos comportamentos linguísticos dos alunos porque, por influência da cultura hipertextual, não estão adequados aos parâmetros acadêmicos resulta preponderantemente em processos de exclusão na universidade.

Os textos acadêmicos trazem consigo os comportamentos dos jovens nos diversos espaços sociais, incluindo a universidade. Sabe-se que o caminho da prática de escrita, desde a escola até a universidade também resguarda a gênese da cultura acadêmica de ontem, de hoje e, talvez a de sempre, uma vez que os professores universitários tomam para si seus assentos nas cadeiras de forma quase vitalícia. E perpetuação contradiz exatamente com a cultura da atualidade, que é de instantaneidade.

Neste estudo apresento os dois modos de pensamento: o narrativo e o científico, trazendo as características de cada um e apontando como ora as práticas discursivas dos jovens tendem para um (narrativo) e ora para o outro (cartesiano), sem uma regra única ou universal, vez que se podem também identificar esses modos de pensamento no cotidiano.

A intenção é buscar uma explicação, por meio desses modos de pensamento, ao estranhamento por parte da universidade quanto aos comportamentos linguísticos daquele jovem contemporâneo, que utiliza na escrita mais marcas do modo de pensamento narrativo que do pensamento científico.

Estabeleço um diálogo entre os modos de pensamento e as mídias digitais, consideradas componentes da mochila do jovem contemporâneo, “superconectado”, as mídias atendem às

necessidades do jovem contemporâneo nos diversos âmbitos e, dos adultos também.

Um fato constatado foi de que o ritual acadêmico que consiste na transposição de informações pelo professor para seus aprendentes continua sendo da mesma forma que décadas atrás e esses, acreditam que a transposição consiste no processo de ensino aprendizagem eficaz, ou seja, para a grande parte dos meus pares, informar é igual a produzir conhecimentos.

O que revela sem dúvida que o professor universitário não sabe que informação é um processo que não depende exclusivamente dele, sobretudo, em tempos de mídias digitais, onde o aprendente tem em suas mãos um smartphone que momentaneamente pode confirmar a informação (ou não) e, que ela estará lá à sua disposição a qualquer hora que se faça necessário.

Enquanto o conhecimento é a mobilização das informações, no cotidiano desses aprendentes, que cada diz mais sabem menos o que fazer com um volume imenso de informações. E deixa claro as angústias da maioria dos jovens em sair da bolha da universidade, e se deparar com um mundo que não ou pouco dialoga com um volume de informações que ele obteve na universidade ou através dos meios digitais. O aprendente sai da universidade sem saber o quê fazer, e como fazer pra ser incorporado e abraçado pela sociedade.

O perfil não apenas profissional, mas também psicológico do jovem universitário brasileiro demonstra muito bem o descompasso entre a instituição formadora, e a sociedade que se redesenha com a mesma velocidade com que a tecnologia, o que é compreensivo, pois a sociedade utiliza-se das tecnologias digitais em diversas áreas, enquanto as instituições escolares, em todos os seus níveis (da escola fundamental à universidade), não chancela o uso das tecnologias, nem permite que seus atores, os aprendentes o façam.

Assim, fica claro que não é somente a manutenção a aversão aos múltiplos comportamentos linguísticos dos alunos porque, por influência da cultura hipertextual, não estão adequados aos parâmetros acadêmicos, mas, todo o comportamento de não reconhecimento de que é inevitável o uso das tecnologias digitais na academia, resulta preponderantemente em processos de exclusão na universidade.

Tomei deliberadamente a decisão de escrever este artigo na primeira pessoa como estratégia de desconstrução do mito de que a produção acadêmica deva anular a figura humana dos seus autores, nossos alunos.

Convém especificar que os tipos de comportamento que estão sendo tratados neste estudo são comportamentos linguísticos manifestos pelos estudantes universitários.

Conforme Sapir (1980), os comportamentos linguísticos não são eventos isolados, são processos instituídos, aceitos e exigidos socialmente. Imersos no contexto histórico e social, sofrem mutação na teoria e na prática.

Muito embora as instituições escolares e sem exceção a universidade não considerem adequados ao formato acadêmico tais comportamentos linguísticos, compreender esse movimento é ver além da ciência das disciplinas (própria das disciplinas curriculares) e encontrar o código que une estes e o estudante em processo formativo profissional.

O não reconhecimento dos comportamentos linguísticos dos estudantes pela universidade é paradoxal na era digital, que traz incertezas e variadas opções em todas as áreas, o que destrona a ideia amadurecida que havia da relação íntima entre a instituição escolar e o comportamento dos alunos. A pobre qualidade da produção acadêmica tem sido objeto de questionamento: é outro o papel da escola/da universidade?

Falar é um aspecto tão trivial da vida cotidiana que raramente nos detemos a analisá-lo. Parece tão natural ao homem quanto andar, e pouco menos do que respirar. Basta, entretanto, um momento de reflexão para convencer-nos de que essa espontaneidade não passa de uma impressão ilusória nossa. O processo de aquisição da linguagem é, em suma, coisa completamente diversa do processo de aprender e andar (SAPIR, 1980, p. 11).

Por sermos seres humanos, não mais quadrúpedes, graças à evolução da espécie, estamos predestinados a andar não porque nossos pais insistiram para que andássemos, mas porque o próprio organismo, desde o nascimento, já é preparado para as mutações e adaptações musculares que a atividade de andar exige. É uma atividade de caráter funcional.

O mesmo não acontece com a linguagem, embora a linguagem seja inerente ao ser humano, outros seres irracionais também possuem formas de comunicação. No ser humano essa predestinação precisa ser estimulada.

Em plena era digital, as crianças, chamadas de nativos digitais, têm à disposição dispositivos que lhes estimulam, além da fala, outras habilidades, como a coordenação motora, que em décadas passadas para ser obtida demandava mediação constante de outra pessoa, comumente os pais em casa e o professor na escola.

Os nativos digitais já conseguem aos 3 anos de idade (ou antes) utilizar potencialmente tablets e smartphones, por exemplo. Feito que muito migrantes digitais adultos só conseguem com a mediação de um migrante digital mais jovem (por exemplo, os nascidos há cerca de 15 anos).

Para além dos mecanismos neurológicos, é sabido que sob a pressão de uma emoção, num episódio de dor súbita ou de uma alegria por exemplo, emitem-se sons que as pessoas que ouvem interpretam como indicativos da emoção (tristeza ou alegria). Na escrita dos jovens contemporâneos há uma busca incessante por símbolos ou *emoticons* ou mesmo uma repetição sem nexos de letras que buscam representar essas emoções, como o *shuahusahuah*, *kkk*, *hahaha*, *hehehe*:

A linguagem revela nisto certa incapacidade, ou se quiserem, certa tendência rígida a olhar muito além da função imediatamente sugerida, confiando em que a imaginação e a força do hábito bastam para preencher as transições de pensamento e os detalhes de aplicação que distinguem do conceito concreto (SAPIR, 1980, p. 72).

Para Sapir (1980), há uma diferença cabal entre tais expressões involuntárias de sentimento e o tipo normal de comunicação de ideias em que consiste o falar. Aquelas emissões vocais são, com efeito, instintivas, mas também são não-simbólicas; em outros termos, um grito de dor ou alegria que não indicam, como tal, a emoção; não se apresenta por si, por assim dizer, para anunciar que determinada emoção está sendo sentida. O que faz é servir de escoamento, mais ou menos instintivo, à energia nervosa; até certo ponto, é parte e parcela da própria emoção.

Esses gritos simbolizados instintivos constituem uma exposição de sentimentos. Pode-se dizer que transmitem certas ideias a quem os ouve, mas no sentido muito geral é possível dizer que todo e qualquer som, ou, melhor, qualquer fenômeno linguístico transmite uma ideia ao cérebro humano.

Se o grito involuntário de dor, convencionalmente representado por um “Oh!”, pode ser considerado um verdadeiro símbolo de linguagem, ou um *emoticon* (😊) seja equivalente a uma ideia tal como “Estou feliz”, não há como não admitir que o aparecimento de nuvens no céu seja o símbolo da mensagem nítida: “Vai provavelmente chover”.

Ora, uma definição da linguagem assim por tal modo nata, que inclui todos os tipos de inferência, torna-se, pois, valorosa e tem maior alcance.

A linguagem acontece de forma lenta e modulada. Antes de ser externada pela língua, é formulada por orações, que têm pensamentos que as antecedem.

A velocidade, por sua vez, varia enormemente segundo circunstâncias que não são fáceis de definir, uma vez que todo discurso é circunstancial.

Como afirma Sapir (1980):

O universo das nossas experiências precisa ser enormemente simplificado e generalizado para que seja possível fazer um inventário simbólico de todas as nossas experiências de coisas e relações; e um inventário desses é imperativo para podermos transmitir ideias. Os elementos da linguagem, os símbolos que ficham a experiência humana, devem, portanto, estar associadas a grupos inteiros, classes delimitadas de experiência que não as próprias experiências individuais (SAPIR, 1980, p. 17).

Somente assim é possível a comunicação entre os homens, pois a experiência individual, alojada numa consciência individual, é, a rigor, incomunicável. Para comunicar-se, é necessário estar inserido numa classe que a comunidade humana aceita como identidade, comum a determinada sociedade ou grupo social. Esta classe é, no fundo, a que tem em comum um grande número de elementos linguísticos, como: os nomes próprios, os nomes de animais e coisas individuais. Logo, comunga-se com Sapir quando afirma que “A linguagem e o pensamento não são estritamente coincidentes. Quando muito, a linguagem pode chegar a ser faceta externa do pensamento, no nível mais alto e geral da expressão simbólica” (SAPIR, 1980, p. 18).

Ainda para Sapir (1980), a análise destrutiva do que é familiar vem a ser o único método para chegar a compreender modos fundamentalmente diferentes de expressão.

Logo, perceber o que há de fortuito, ilógico, desequilibrado na estrutura da língua falada é meio caminho andado para sentir e apreender a expressão das várias classes de conceitos em tipos de fala que pareciam, na verdade, estranhos.

Nem tudo é “extranacional”, e é intrinsecamente de natureza ilógica e complexamente forçada. Comumente, precisa-se exatamente daquele termo que é familiar, mas que curiosamente é usado de forma esporádica e expressa os sentimentos na escrita, sendo utilizado apenas na língua falada.

Na escrita em suportes móveis (telas), podem-se utilizar expressões que se aproximam bastante da linguagem falada e da linguagem/dos discursos dos jovens contemporâneos:

Quais são, então, os conceitos absolutamente essenciais na fala, os conceitos que têm de ser forçosamente expressos para que a linguagem seja um meio satisfatório de comunicação? É claro que temos de ter, antes de tudo, um bloco de conceitos básicos ou radicais, o assunto concreto da fala. Temos deter objetos, ações, qualidades para conversar a respeito, e tudo isso tem de ter símbolos correspondentes que sejam vocábulos independentes ou radicais. Nenhuma preposição, por mais abstrato que seja o seu intuito, é humanamente possível sem um ou mais pontos de contacto com o mundo concreto dos sentidos. Em toda proposição inteligível, têm de ser expressas duas, pelo menos, dessas ideias radicais, embora em casos excepcionais uma, ou até uma e outra, fique pressuposta no contexto (SAPIR, 1980, p. 78).

Há um modo especial de expressar relações, muito frequente na história das línguas e que exige a atenção por um momento. Como explica Sapir (1980), se os comportamentos linguísticos dos universitários não têm sentido para os docentes acadêmicos, uma vez que não se assumem como agentes de letramento desses alunos, tais discursos podem ser explicados pelo “método da concordância”:

[...] ou de assinalação repetida. Assenta no princípio da palavra de passe ou do rótulo. Todas as pessoas ou objetos que respondem à mesma senha ou trazem a mesma marca, ficam conseqüentemente registradas como relacionadas entre si. Uma vez isso feito, pouco interessa onde se acham e como se apresentam. Sabe-se de antemão que umas pertencem às outras (SAPIR, 1980, p. 91).

É fato que a escola se instaurou sob a égide da “cultura letrada” como o encontro da luz, tanto no que concerne a cada Estado nacional quanto à civilização ocidental como um todo. E esse é um dos pilares que vêm sendo ruidosamente corroídos nos últimos tempos – a escola não vem tirando os sujeitos da escuridão (da caverna).

Ainda que hoje se publiquem mais livros do que nunca e que, periodicamente, vendam-se milhões de exemplares de certos fenômenos editoriais bem determinados, tanto na versão impressa como nos formatos digitais mais inovadores (*e-book*), a sociedade contemporânea está fascinada pelo sedutor feitiço das imagens.

Depois de atravessar um século inteiro sob a luz deslumbrante do cinema e décadas tendo a televisão e o rádio no pódio da *mass media*, a cultura atual é dos suportes audiovisuais digitais. A produção e a circulação de imagens se multiplicam exponencialmente, graças à irrupção triunfal das redes sociais.

Sibilia diz que:

Esses processos detonaram uma profunda transformação das linguagens, afetando os modos de expressão e comunicação em todos os âmbitos, inclusive em campos tão vitais quanto a construção de si mesmo, as relações com os outros e a formulação do mundo. Entre os complexos desdobramentos que ainda estão por ser cartografados e estudados, esse movimento implicou certa crise das “belas artes” da palavra – tanto em suas manifestações orais como escritas – e a implantação gradual daquilo que alguns denominam “civilização da imagem” (SIBILIA, 2012, p. 63).

O espetáculo passa a ser a generalização das relações sociais mediadas por imagens. Seria o contrário do diálogo, e a arte da conversação já estaria “quase morta”. Logo, o cenário favoreceria “muitos daqueles que sabiam falar”. De fato, na segunda metade do século XX, a lógica informacional dos *mass media* impregnou o cotidiano e redefiniu o real, afetando a própria ideia de comunicação ao reformular as possibilidades de cada um se vincular ao outro construindo sentidos compartilhados.

Segundo Corea¹ (2004 *apud* SIBILIA, 2012, p. 145), paradoxalmente, a comunicação deixou de existir precisamente em plena era da informação. “Não importa se é a comunicação verbal, midiática ou midiaticizada”, esclarece: “O que se esgotou foi o paradigma sob o qual, durante quase um século, pensamos os fenômenos de significação e a produção de subjetividade”.

Essa falência teria origem na evaporação dos códigos estáveis e transcendentais como a lei universal, que costumavam instituir todo e qualquer vínculo entre os interlocutores (inclusive entre professor e aluno) nos moldes de uma estrutura garantida pela solvência estatal e pela solidez institucional, as quais se amparavam num ideal de progresso iluminado pela “cultura letrada”.

Trata-se de uma hipótese forte e desafiadora: na sociedade informacional, espetacular e hiperconectada por redes interativas, desmorona-se a utopia da comunicação que sustentou o sonho iluminista e o projeto moderno. Sobre as ruínas dessa ilusão, no entanto, caberiam agora inventar pequenos laços precários, mas talvez poderosos, meramente situacionistas ou válidos para cada ocasião.

Senna (2009) acredita que a escola, embora não tenha permanecido imune a essas fortes convulsões, inegavelmente finca alicerces sobre aquela ferramenta ancestral que hoje se vê sufocada ante os avanços do audiovisual: a palavra escrita. Especialmente porque costuma prestar-se às clássicas operações da leitura e da escrita.

¹ COREA, Cristina. **Pedagogía del aburrido**: escuelas destituidas, familias perplejas. Buenos Aires: Paidós, 2016. 224 p.

A apatia e o escasso entusiasmo que os alunos demonstram em tais contextos, seriam sintomáticos desse apego ao ensino clássico, sem estímulo, que contribui para as taxas de “evasão escolar” que se constata.

Nesse sentido, Sibilía (2012) assegura que:

O “desinteresse” é o principal motivo de abandono da escola por parte dos jovens de quinze a dezessete anos, segundo um estudo realizado recentemente no Brasil sobre a desmedida “evasão escolar”. A pesquisa, efetuada por uma prestigiosa fundação privada, concluiu que mais de 40% dos alunos dessa idade que deixaram de ir ao colégio justificaram sua decisão por esse motivo. O resultado mostra que manter o jovem na escola não é somente uma questão econômica [...] explicou o coordenador do trabalho em declaração à imprensa.

E complementa:

É preciso criar e atender a demanda por educação”, acrescentou recorrendo ao léxico empresarial que tudo impregna na contemporaneidade. O especialista ressaltou que, para isso, seria necessário “garantir a atratividade da escola”, explicitando o tratamento da educação formal como uma mercadoria fora de moda e difícil de vender (SIBILIA, 2012, pp. 65-6).

Sibilía (2012, p. 112) constatou um detalhe que poderia soar paradoxal: o índice de abandono é maior nas regiões mais ricas. Em São Paulo, em 2010, por exemplo, 20% dos jovens entre 15 e 17 anos não estudavam; em Porto Alegre, quase 19%, enquanto a taxa nacional beirava 18%. Permutar a escola por trabalho talvez traga mais benefícios e motivação a esses jovens, uma vez que estando em grandes empresas, como as existentes nessas regiões, essa alternativa é muito atraente se comparada às rotinas escolares tediosas e aparentemente inúteis.

Esses dados são divulgados quase diariamente na imprensa e revelam números assustadores que ilustram o “fracasso educacional” contemporâneo, sugerindo que o instrumental escolar se encontra em decadência, não só por haver perdido eficácia no cumprimento de metas específicas, mas também por ter cada vez menos sentido para boa parte das pessoas que aí deveriam estar contempladas.

Conclusões

O jovem contemporâneo tem outras habilidades, principalmente com os meios de comunicação, dispositivos móveis. Eles são peritos em opinar, fazer *zapping*² e ler imagens, ainda que tais habilidades não lhes sirvam no ambiente acadêmico, mas, por certo passam mais de 40 horas semanais nas redes sociais, 5 horas por semana lendo por obrigação os textos acadêmicos indicados pelos seus professores, cerca de 10 horas semanais assistindo a televisão, canais fechados ou a *Netflix*. Então, os smartphones, o canal fechado, a internet são partes indissociáveis dos jovens contemporâneos.

Referências

- BARBOSA, M.A. G. **Mídias hipertextuais, produção escrita e letramento na educação superior**. Tese de Doutorado. PROPED/UERJ. Rio de Janeiro. 2017.
- BARBOSA, M.A.G.; ASSIS. M.P. Formação pedagógica pra quê, se já sou doutor? In: FONTINELES, C.C.S.; MARQUES, E.S.A.; ARAÚJO, F.A.M. **Pesquisa & Educação: história, formação e gestão educacional**. Edufpi, Janeiro, 2016. Cap. 2, p. 218. ISBN 978-7463-967-3.
- LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- SANCHO, J.M. ¿Qué Educación, qué escuela para el futuro próximo? *Education Siglo XXI*, v. 27, n. 2, p. 13-32, 2009. Disponível em: <<http://revistas.um.es/educatio/issue/view/7511/showToc>>. Acesso em: 20 nov. 2014.
- SAPIR, E. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. 2ª. ed. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SENNA, L.A.G. **Processos educacionais: os lugares da educação na sociedade contemporâneos**. Cap. I. **Letramento: Princípios e Processos**. Curitiba: IBPEX, 2009.
- SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

² O conceito de *zapping* surgiu nos Estados Unidos para designar a prerrogativa que tinha um espectador de tv de trocar de canal (ajudado pelo controle remoto) durante as inserções publicitárias. Mudança rápida e consecutiva de um canal para outro, com o controle remoto, geralmente para evitar os intervalos comerciais. Qualquer ação rápida, em sequência, efetuada geralmente entre uma coisa e outra. Etimologia (origem da palavra *zapping*): do inglês *zapping*, de zap 'mover rapidamente'. Disponível em <https://www.dicio.com.br/zapping/>. Acessado em 27 de abril de 2017.